

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Thayná Ferreira Martins de Araujo

**Desejo e dominação:
uma análise afetiva do capitalismo neoliberal**

Orientadora: Paula Orrico Sandrin

Rio de Janeiro
2021.2



Thayná Ferreira Martins de Araujo

**Desejo e dominação:
uma análise afetiva do capitalismo neoliberal**

Orientadora: Paula Orrico Sandrin

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Rio de Janeiro

Agradecimentos

Dedico esse trabalho de conclusão, sobretudo aos meus pais que sempre me apoiaram, deram suporte e acreditaram em mim – mesmo quando eu mesma não tinha tanta certeza assim dos meus caminhos. Ao meu irmão Davi, por estar presente. E obviamente aos meus bichinhos de quatro patas, que há muito tempo trazem aconchego e felicidade com carinhos despreziosos e por vezes, patadas.

À professora e orientadora Paula Sandrin, que por quase dois anos esteve presente e solícita; e que sem a menor dúvida foi fundamental nos descontraídos e enriquecedores debates que possibilitaram minha pesquisa, e na minha formação enquanto internacionalista – minha admiração e meu muito obrigada.

Agradeço também ao grupo de amigos que além de dividirem o processo (direta, ou indiretamente), tornaram ele leve e suportável: Nathan, Anderson, Marcela, Susana, Gabriella, Larissa, Antônio, Victória, João Pedro. Vocês foram essenciais durante esses quatro anos e meio de graduação; além de serem responsáveis, por partes, de quem eu sou.

Por fim agradeço ao CARI, por ser um lugar de crescimento, refúgio, risadas e amparo. Devo parte da minha formação a este espaço que me ensinou diariamente além da sala de aula, e às pessoas que o formam e sempre estiveram presentes.

Resumo:

Este artigo pretende fazer uso de uma bibliografia interdisciplinar sobre afetos, emoções e modos de subjetivação a fim de analisar o caráter disciplinar e produtivo do neoliberalismo no que concerne a criação de sujeitos reféns e mantenedores da ordem capitalista. Essa análise examina, sobretudo as ordens do trabalho e do consumo, suas reverberações, e os efeitos psíquicos gerados (e explorados) pela racionalidade neoliberal. Argumenta-se que o capitalismo em sua configuração neoliberal, apesar dos mal-estares psíquicos que produz, também promete instâncias de obtenção de prazer, captura e reestrutura desejos e produz o alinhamento de forças vitais a seus propósitos, o que ajuda a explicar sua manutenção. Esse artigo, portanto, evidencia os afetos como motores do funcionamento da máquina capitalista.

Palavras-chave

Neoliberalismo; racionalidade; subjetivação; consumo; trabalho; afetos; desejo

Sumário:

1. Introdução p. 8
2. A racionalidade neoliberal e a instauração de um novo modelo de gestão p. 12
3. O *Homo economicus* e *homem-empresa* p. 18
4. Mecanismos psíquicos cooptados pela episteme neoliberal p. 22
5. Promessas, desejos e a relação empregatícia – a potência dos afetos alegres p. 32
6. A gestão neoliberal de sofrimentos e mal-estares. p. 41
7. Conclusão p. 48
8. Referências Bibliográficas p. 51

Introdução:

Reconhecendo as múltiplas facetas que rondam a definição do neoliberalismo – que variam desde uma política econômica com origem em meados da década de 70 e que se estrutura a partir de crenças tais como a liberdade de mercado, a restrita intervenção estatal na economia e a privatização de setores da economia nacional; até uma teoria econômica, defendida por estudiosos como Hayek, Von Mises, Friedman, dentre outros, no qual elementos como liberdade e racionalidade apresentam um caráter fundamental na formulação de políticas econômicas que garantiriam o bem estar do mercado e da sociedade – esta pesquisa se atém ao neoliberalismo enquanto uma racionalidade que produz sujeitos e desejos.

Isto é, o referido artigo se propõe a analisar o neoliberalismo enquanto constituinte de subjetividades e elemento disciplinador, que ganhou considerável força no cenário altamente globalizado característico de nosso novo século, e que por consequência geram efeitos negativos nos indivíduos contemporâneos sobretudo no que diz respeito à ordem do trabalho e do consumo - mesmo defronte das promessas de autorrealização e bem-estar propostas por esse novo modelo de gestão da economia e dos sujeitos.

Dessa forma, ao fazer uso de uma bibliografia interdisciplinar sobre afetos, emoções e subjetivação – sobretudo a psicanálise, a filosofia e as Relações Internacionais, procuro entender de que forma essa racionalidade se mantém (com absoluta maestria), tendo em vista a série de efeitos como mal-estares e fantasias geridas por esta mencionada racionalidade.

A primeira das cinco seções presentes, intitulada “A racionalidade neoliberal e a instauração de um novo modelo de gestão”, aborda as diferentes maneiras pelas quais entende-se o termo neoliberalismo. À face das diversas crises de caráter econômico que emergiram no globo sob influência da grande depressão e do crescente intervencionismo estatal, a solução encontrada em certos círculos acadêmicos foi a criação de uma teoria na qual a ação individual fosse o elemento central. Porém, atualmente, o neoliberalismo não é mais somente entendido como uma teoria econômica, como também formulador de novas práticas e critérios que adentram as mais diversas áreas da vida.

Com isso, pode-se afirmar que essa nova roupagem do neoliberalismo se mostra, sobretudo, como uma forma de governamentalidade, onde o caráter econômico, da anteriormente dita economia, é transformado em uma forma de gestão. É justamente esse aspecto que é explorado na seção seguinte “O *Homo economicus* e o homem-empresa”. Dentro da racionalidade neoliberal, os indivíduos passam a ser reféns das leis impessoais do novo caráter do capitalismo universal, visto que essa nova episteme constrói discursos e práticas que guiam não somente a forma como os indivíduos se relacionam como também a forma que devem pensar, sentir e agir.

Nesse novo cenário, os indivíduos são vistos como capital, o que conseqüentemente os leva a se gerir como empresas, estando então propensos a fatores centrais da dinâmica mercadológica. A grande novidade nessa discussão é o fato de que é o próprio sujeito que passa a internalizar a lei da

valorização do capital, tendo em vista parâmetros de eficiência e produtividade irreais que geram diversos quadros clínicos desde ansiedade à depressão – mas que garantem o funcionamento da engrenagem capitalista.

Pode-se dizer dessa maneira que o fundamento neoliberal não se respalda mais somente em fatores essencialmente econômicos como a mais valia e o excedente de capital – embora a constante subjetivação dos indivíduos em mercadoria seja notável, a exemplo do *Homo economicus* e do homem-empresa. Agora, a instauração de compromentimentos e estímulos que visam a produção de sujeitos que enquadrem sua psique de forma a manter a estrutura capitalista é o novo modo de extração neoliberal, e esse movimento se dá nada menos do que pela extração – e alinhamento – da força vital e das subjetividades dos indivíduos contemporâneos.

Assim, infere-se que, diferente da economia clássica, fundamentada sobre os ideais de produção e troca, a economia neoliberal, dentro desta nova governamentalidade, é subjetiva e funciona através da mobilização de subjetividades a fim da formação de uma gama de sujeitos úteis, eficazes no trabalho e dispostos a consumir. Acarretando um intenso processo de mercantilização das (micro)relações e a sustentação dessa norma.

Em “Mecanismos psíquicos cooptados pela episteme neoliberal”, através do uso da teoria psicanalítica, intenta-se então demonstrar a maneira como os inconscientes e os desejos têm influência direta e fundamental no fluxo econômico e em políticas socioculturais.

A seção seguinte explora a forma com que o capitalismo mobiliza corpos e mentes. Se os indivíduos aceitam se vincular ao regime do capital, não é somente por imposição ou por conta de sua estrutura desigual e violenta; mas porque ele é capaz de produzir oportunidades de alegria. Com isso, se faz importante debater novamente a importância dos afetos e das paixões no que concerne à exploração capitalista, principalmente quando são esses os fatores que garantem a captura e a reestruturação dos desejos dos indivíduos a fim de manter essa estrutura funcionando perfeitamente.

É justamente através do circuito dos afetos que uma minoria detentora dos meios de produção consegue mobilizar uma maioria trabalhadora. O alinhamento total ao trabalho requisitado pelo neoliberalismo só é possível através da produção de afetos alegres; sendo a principal alegria desse processo de mobilização a possibilidade de reprodução material seguida pela promessa de prazer via consumo. Por ser ontologicamente impossível que os desejos e afetos sejam desvincilhados um do outro, essa relação pode ser entendida como servidão.

Por fim, em “A gestão neoliberal de sofrimentos e mal-estares”, a ideia dos afetos alegres é posta de frente aos igualmente fundamentais afetos tristes. É a partir destes que a promessa de uma vida bem vivida sob a estrutura capitalista perde sua essência fantasiosa. Segundo Frédéric Lordon, um dos autores de suma importância na elaboração desta pesquisa, o trabalho não se dá por livre e espontânea vontade; é diferente disso, fruto de uma configuração desigual das estruturas sociais, onde os trabalhadores são

separados dos meios de produção e dessa maneira, sendo impossibilitados de vencerem a estrutura.

Nesse sentido, a dependência daqueles que de fato possuem os meios de produção é uma estratégia de reprodução do capital que funciona da seguinte maneira: impossibilitados de suprir as necessidades básicas a sua sobrevivência, os indivíduos almejam a todo custo seu principal objeto de desejo - o dinheiro, sem o qual nenhum outro pode ser alcançado. Isto é, por necessitarem do dinheiro para sua reprodução material e para a obtenção de prazer via consumo, os indivíduos se sujeitam a trabalhos precários.

Tendo em vista a lógica dos afetos, sejam eles alegres, e neste caso sobretudo tristes, fatores como medo, ansiedade, esperança e prazer são motores do funcionamento da máquina capitalista.

1. A racionalidade neoliberal e a instauração de um novo modelo de gestão:

Em meados da década de 70, quando os debates acerca do neoliberalismo enquanto política econômica começaram a florescer, ele era visto por diversas lentes analíticas; dentre elas, numa espécie de diagnóstico de transformações em várias esferas da vida, uma lente que buscava nomear e descrever as mudanças daquela década que traziam consigo um conjunto de processos relativos à formação capitalista, e cuja compreensão rodeava um recorte temporal: o ingresso na pós-modernidade, caracterizada pela expansão do capitalismo em escala global, os modos de regulação pós

fordismo e uma nova estrutura sociocultural, na qual os indivíduos pautavam suas ações tendo em vista a produção em massa e a eficiência produtiva.

Décadas antes, após a grande depressão e sob influência do aumento da doutrina intervencionista do Estado, diversos estudiosos – como Hayek, Friedman, von Mises, Rand – buscaram compor teorias que tivessem a liberdade econômica como elemento central. Porém, a alternativa eficaz a essas crises de ordem econômica, focadas no funcionamento do capital, foi a formulação de teorias centradas no indivíduo – o aumento da ação individual como ponto máximo da teoria neoliberal fica explícito, por exemplo, a partir do cunho da expressão ‘capital humano’.

Esta expressão é associada, principalmente, ao economista Gary Becker (apud SAFATLE, 2020), da Escola de Chicago; segundo o estudioso, esse conceito acarreta uma avaliação individual focada na exigência de autovalorização constante mediada a partir de uma lógica de mercado.

Já para Giuseppe Cocco e Bruno Cava (2018), o neoliberalismo não deve ser entendido como uma teoria engendrada e com valores pré-definidos, visto que pode ser entendido de múltiplas formas – desde elementos moralizantes até formas de controle e disciplina. Desta forma, o objetivo dos autores é expor as lógicas de dominação de uma sociedade anestesiada que não tem consciência do sistema que a conduz. Para isso, utilizam os argumentos de Foucault em “O Nascimento da Biopolítica” para expor o neoliberalismo em seu caráter pleno e ambíguo.

Desta forma afirmam que o biopoder¹ estrutura essa nova governamentalidade.² Em outras palavras, a análise de Foucault (apud COCCO; CAVA, 2018) acerca do neoliberalismo, surge de forma a tentar entender a criação desta nova forma de governar a partir de novas práticas, novos critérios de verificação e técnicas de obtenção de diversos aspectos da vida que mantêm a eficácia desse sistema. Isso se dá pela constituição do que o filósofo chama de “regimes de verdade”, que funcionam através da junção de práticas e discursos.

Não se trata de mais uma versão da noção de verdade como adequação entre ideia à coisa, nem à verdade enquanto coerência lógica superior de proposições coexistentes segundo um sistema lógico e racional; mas sim, de um problema relacionado à eficácia, ao exercício do poder, à constituição dos sujeitos indissociáveis da trama de poderes em que funcionam e se relacionam entre si. A verdade, para Foucault, tem um sentido extramoral, ou, melhor, a própria moral só faz sentido dentro do jogo de forças em que os valores são engendrados e se transformam. Para o filósofo, o neoliberalismo não deixa de ser um desdobramento do liberalismo, mas vai além e termina por distanciar-se dele, ou, melhor, o desloca, provoca uma inversão em diversos usos e funcionamentos, até alcançar um novo estatuto e, por isso, exigir uma nova analítica. (COCCO; CAVA, 2018, p. 24)

Para o filósofo, este novo caráter do neoliberalismo se apresenta como uma forma de governamentalidade específica, onde a economia é convertida em um modo de gestão de si e dos outros. Assim, o neoliberalismo presume um indivíduo que haja de acordo com o ideal capitalista – movido pela utilidade, interesse e satisfação. Já em relação à gestão dos outros, o

¹ Elemento “que regula a vida em vez de trabalhar através da ameaça de morte e ordena e regula as populações de massa e seus comportamentos de uma forma que nenhum aparato repressivo poderia competir” (BROWN, 2008, p. 6, tradução nossa)

² “A governamentalidade, o neologismo de Foucault que explicitamente hibridiza governo e racionalidade, é projetada para capturar a combinação exclusivamente moderna de governança por instituições, conhecimentos e práticas disciplinares, e para acentuar a natureza dispersa em vez de centralizada ou concentrada da governança política moderna. O neologismo captura tanto o fenômeno da governança por racionalidades particulares quanto apreende o governo a si mesmo como envolvendo uma racionalidade.” (BROWN, 2008, p. 8, tradução nossa)

neoliberalismo se apresenta como um modelo de interação social fundamentada na dinâmica de mercado, indo sempre ao encontro do equilíbrio. Ambas as formas de gestão são subordinadas a uma lógica de apologia ao valor.

Dessa maneira, “depois de esvaziar a vontade humana de tudo que não esteja em consonância com os ditames do mercado, o neoliberalismo a desloca para o centro de seu funcionamento. A tão louvada autonomia dos indivíduos se revela logo como absoluta heteronomia.” (SAFATLE et al., 2020, p. 67) – ou seja, a mercantilização das relações sociais toma espaço, sendo caracterizada por uma liberdade ilusória, onde o indivíduo passa a ser sujeito às leis impessoais e ilusórias do novo capitalismo universal; como podemos ver na afirmação de Dardot e Laval (2016):

O indivíduo liberal, a exemplo do sujeito lockiano proprietário de si mesmo, podia acreditar que gozava de todas as suas faculdades naturais, do livre exercício de sua razão e vontade, podia reclamar ao mundo sua autonomia irreduzível, mas continuava a ser uma engrenagem dos grandes mecanismos que a economia política clássica começava a analisar. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 324)

Assim, nota-se que instituições neoliberais são aquelas que moldam a liberdade do indivíduo dentro de um cenário específico, e não aquelas que os deixam agir livremente. Nesse sentido, a governamentalidade neoliberal não permite a liberdade, ela produz um tipo de liberdade; ela não disciplina, mas cria uma forma de subjetividade na qual consegue controlar o comportamento dos indivíduos. A questão principal nesse debate é o fato de que esta nova economia neoliberal se torna capaz de adentrar diferentes

campos da vida dos sujeitos, e através desse movimento de individuação articulam o funcionamento do governo (COCCO; CAVA, 2018).

Seguindo a lógica de Foucault, Wendy Brown (2018) afirma que, por também ser uma forma de racionalidade, o neoliberalismo está presente em diversas esferas da vida, e sua governamentalidade não se dá apenas no nível do Estado, como também por meio do trabalho, da educação, do policiamento, e sobretudo através dos desejos humanos.

Diferente da ideologia – uma distorção ou mistificação da realidade – a racionalidade neoliberal é produtiva, criadora do mundo: ela economiza todas as esferas e esforços humanos e substitui um modelo de sociedade baseado no contrato social produtor de justiça com a sociedade concebida e organizada como mercados e com estados orientados pelas necessidades do mercado. (BROWN, 2018, 61-2, tradução nossa)

Assim, Brown traz como exemplo a educação, que por estar inserida na racionalidade neoliberal, é reestruturada a partir da ideia de investimento de capital humano na valorização do valor profissional do indivíduo; além disso, essa nova concepção tira a educação da esfera dos bens públicos e democráticos. Com isso, todos os elementos das escolas e universidade são afetados, desde prioridades de orçamento institucional, a currículos, práticas de ensino e pesquisa, critérios de contratação e admissão, e até formas de conduta. (2018, p. 62)

Pode-se afirmar então que, atualmente, mais do que uma teoria e um modelo econômico, o neoliberalismo também é entendido como uma racionalidade e um regime de produção de discursos capaz de adentrar diversas esferas da vida. Por conta disso, passa a descrever também o aspecto

da produção de saber na contemporaneidade, assim como as formas de legitimação da mesma dentro de seu jogo de verdades. Nesse novo modelo de produção de saber, são levados em consideração relações de poder atreladas a dispositivos e instituições; atribuindo dessa forma uma dimensão política ao debate (SILVA JÚNIOR et al., 2020).

Levando em consideração a teoria Foucaultiana, o que ocorre é a incorporação da episteme neoliberal nos modos de subjetivação – discursos e práticas de socialização, capazes de transformar o ser humano em sujeito na esfera social. Essa nova episteme neoliberal produz discursos que moldam a forma como os sujeitos pensam, sentem, se relacionam, e como são definidos dentro deste mesmo regime. As diferentes formas de constituição de subjetividades e os processos de neoliberalização são assuntos que vêm se tornando corriqueiros no campo de estudos acerca da teoria neoliberal. Desta forma, tanto a sociologia quanto a psicanálise vêm tentando descrever traços do novo modelo de sujeito concebido pelo neoliberalismo (SILVA JÚNIOR et al., 2020).

No neoliberalismo, a ordem de mercado se mostra para os indivíduos como possibilidade de realização de valores se estes aceitarem entrar na dinâmica da livre concorrência; por isso “a interiorização de normas e performance, a autovigilância constante para se conformar aos indicadores, a competição com os outros são os ingredientes dessa revolução de mentalidade que os modernizadores querem operar.” (DARDOT; LAVAL apud SAFATLE et al., 2020, p. 71). Além disso, segundo o sociólogo francês

Alain Ehrenberg (apud SATAFLE et al., 2020, p. 49), o autogoverno é a forma mais eficaz de controle por demandar do indivíduo que gerencie suas próprias competências; dessa forma é produzida uma mentalidade de massa que por sua vez economiza os recursos demandados nas técnicas coercitivas tradicionais.

Essa nova lógica do capitalismo contemporâneo tem por objetivo favorecer a instauração de estímulos e comprometimentos, que tem o papel de instaurar novos funcionamentos psíquicos; que visam reorganizar a sociedade, as empresas e as instituições pela multiplicação e pela intensificação dos mecanismos de controle do comportamento dos sujeitos.

Resumindo, se o liberalismo em meados do século XIX acreditava que fatores como livre iniciativa, empreendedorismo e competitividade seriam características inerentes ao indivíduo caso estivéssemos livres da intervenção estatal nos âmbitos econômico e social e, por essa razão, a liberdade liberal deveria ser defendida, décadas depois, Margareth Thatcher defendia a ideia de que livre iniciativa, empreendedorismo e competitividade deveriam ser inculcados: “Economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma” (apud SAFATLE, 2021).

O *Homo economicus* e o homem-empresa:

Nessa nova lógica, todos os indivíduos passam a ser vistos como capital, e por essa razão passam a ser geridos como empresas; a questão central aqui

é que existe uma insegurança inerente às dinâmicas de mercado, e isso não seria diferente com os indivíduos mercadológicos. Safatle et al. (2020) discorre sobre essa problemática em sua obra conjunta “Neoliberalismo Como Gestão do Sofrimento Psíquico”. Segundo o autor, no contexto das relações interpessoais guiadas pela dinâmica de mercado, o investimento exacerbado sobre si mesmo implica a dualidade da realização individual versus disciplina inflexível.

Essa dualidade funciona a partir do seguinte processo: quando os sujeitos são inseridos como elementos centrais da dinâmica mercadológica, recai sobre eles a lei externa da valorização do capital; ao internalizá-la, é o próprio sujeito que passa a exigir de si mesmo de forma intransigente. A falsa noção de subjetividade independente acarreta consequências a partir do momento que essa lei externa de valorização guiada pelo capital se mostra ineficaz; consequências estas como a frustração e a angústia relacionadas ao fracasso e a autculpabilização – sendo a depressão a patologia típica desse cenário. (SAFATLE et al., 2020)

Segundo Negri (apud COCCO; CAVA, 2018, p. 27) essa nova forma de captação das subjetividades ocorre através da captação de elementos como contradições, ansiedades e desequilíbrios a fim de pôr em funcionamento o motor do capitalismo; dessa forma, o capital passa a operar dentro de seu próprio colapso anunciado. Essa nova governamentalidade se instaura por intermédio da socialização dos empresários de si, que pautam suas ações a

partir do princípio da eficiência, e pela regulamentação das esferas da vida sob os moldes da forma-empresa.

Cada pessoa é considerada um espaço econômico próprio, a partir do que são geridos e administrados os riscos, as relações sociais, a saúde, a família, os bens, os projetos de vida etc. (...) Por isso, o *homo economicus* da arte liberal de governar é deslocado para outro espaço. Não mais para o ambiente econômico das trocas, das necessidades e da mercadoria, mas para o espaço definido por uma generalização da forma-empresa na direção de todos os elementos da vida dos indivíduos. O neoliberalismo transforma, necessariamente, todas as pessoas em ‘homem-empresa’ e toda a vida em ‘espaço econômico produtivo’.” (COCCO; CAVA, 2018, p. 28)

Nesse sentido, Giuseppe Cocco e Bruno Cava argumentam que a força motriz que move o aparato capitalista é fruto de uma constituição social à medida em que, nesse contexto, a própria vida, a constituição dos sujeitos e a produção de discursos, passam a operar sob os moldes da empresa.

(...) aqui a ciência econômica do neoliberalismo se infiltra nos comportamentos, passa a regular múltiplas dimensões da vida, como um saber penetrante e sem fronteiras disciplinares. Adicionalmente, as políticas sociais deixam de ser mecanismos compensatórios das desregulações próprias do processo econômico, voltadas a corrigir discrepâncias e mitigar a pobreza, para se tornarem dispositivos diretos com que a economia é formalizada a partir da forma-empresa. A política social estratégica, assim, tem por principal finalidade formar o capital humano e restituir o sujeito à esfera da produtividade. E mantê-lo assim, a fim que nada se situe fora do jogo econômico pautado pelo mercado. (COCCO; CAVA, 2018, p. 36)

A sociedade-empresa e o *homo economicus* são os elementos centrais da governamentalidade neoliberal, e são caracterizados pelo aumento de elementos empreendedores e consumidores cujo efeito conduz a uma maior produtividade – é um investimento da vida em todas as suas formas. “Não se busca mais a simples sujeição individual, segundo as técnicas de poder disciplinar, ou as tecnologias das sociedades de soberania. (...) Trata-se de um controle pervasivo do ambiente, de suas condições e seu funcionamento normal, inclusive do “ambiente psicológico” (COCCO; CAVA, 2018, p. 41).

Por fim, Wendy Brown (2015) afirma que por conta dessa nova “economização” dos sujeitos, fruto da episteme neoliberal, os indivíduos estão cada vez mais preocupados com a valorização de seu caráter pessoal, isto é, estão cada dia mais esforçados em aumentar o valor de seus portfólios em todas as esferas da vida, por meio de práticas de auto investimento e atração de investidores - seja por meio de curtidas e seguidores nas redes sociais, por meio de rankings e classificações, através da educação, reprodução ou consumo.

À medida em que a racionalidade neoliberal remodela o indivíduo para caber nos moldes do mercado, transformando-os em seres maximizadores de lucros, esses indivíduos passam a serem vistos como uma empresa - que Dardot e Laval denominam “empresários de si” - e por essa razão são governados a partir de práticas adequadas às empresas; e embora essa mentalidade acarrete sofrimento, ainda assim é capaz de mobilizar afetos alegres e gerar adesão social, como será explorado nas próximas seções.

Essa mudança nas mentes e nos corações deveria ser realizada através da reeducação e intervenções consistentes, até que os indivíduos começassem a se enxergar como ‘empreendedores de si’ – internalizando a racionalidade econômica como a única possível. Assim, a generalização de uma subjetividade preocupada com performance passou a ser necessária – e isso se daria através da mobilização de processos de internalização disciplinar de pressupostos morais, assim, percebemos que a intervenção neoliberal se dá à nível social e psíquico.

Em outras palavras, essa nova estratégia de reestruturação dos indivíduos seguindo a lógica do capital não funcionaria se não houvesse mudanças nas operações de intervenção social, quase que em uma espécie de design psicológico; onde se dá a internalização de predisposições psicológicas, que visem uma produção individual e coletiva guiadas por ideais empresariais de investimento, rentabilidade e performance. Dessa maneira, a empresa poderia de fato nascer no coração e na mente dos sujeitos. Porém vale ressaltar que esse design psicológico só poderia ser possível através da repetição de estímulos morais que nos façam acreditar que toda resistência a esse molde empresarial é, na verdade, uma falta moral. (SAFATLE et al., 2020)

Mecanismos psíquicos cooptados pela episteme neoliberal

Suely Rolnik (2018), a partir da teoria deleuziana, argumenta que a antiga base estruturante do capitalismo era a exploração do trabalho a fim de adquirir-se a mais valia, porém é notável a constante subjetivação do indivíduo em mercadoria através da captura da subjetividade e do inconsciente do sujeito contemporâneo; como o claro exemplo do homem-empresa (DARDOT, LAVAL; 2016), que seguindo as práticas institucionais do novo período globalitário, favorece a instauração de circuitos de sanções, comprometimentos e estímulos com a finalidade de produzir indivíduos que se enquadrem em um novo tipo de funcionamento psíquico que possibilite o novo modo de ser do extrativismo neoliberal.

Para a autora, as culturas ocidentalizadas estão frequentemente sob pressão do chamado “inconsciente colonial-capitalístico”, que tem por principal característica a dominação das forças sociais por meio da cafetinagem. Esta, por sua vez, designa o extrativismo colonial e neoliberal dos inconscientes e da subjetividade, gerando por consequência a extração da força vital dos indivíduos; isto é, após a completa extração dos bens materiais do planeta, o capitalismo colonial parte para a extração dos inconscientes.

Por outro lado, Frédéric Lordon, partindo de Espinoza e Marx, acredita que a força vital dos sujeitos não é somente extraída, como Rolnik afirma, e sim captada e alinhada ao desejo-mestre (do capitalista). Para o autor, os objetos de desejo são motores do *conatus* – o termo se refere à energia fundamental que habita todos os corpos, isto é, nossa força de existência que nos compele à ação, que nos põe em movimento. Segundo Espinoza, essa energia é a energia do desejo visto que os seres humanos são inerentemente – ou ontologicamente – seres de desejos. Dessa forma, segundo Lordon, existir é desejar, e com isso, ser ativo na busca de nossos objetos de desejo.

Por se referirem ao circuito ativo e desejante de cada indivíduo, nossa força vital é fruto de nossa liberdade incontestável. Em outras palavras, Lordon destaca que a legitimidade de querer fazer algo não se estende a querer que outras pessoas o façam. Porém, a ambição direcionada ao desenvolvimento capitalista faz com que a resposta seja outra, dessa maneira as colaborações se fazem necessária; isso se traduz na captura pelo sujeito do

desejo-mestre³, que muitas vezes pode podem ser desvencilhadas da exploração capitalista.

Tendo esses dois apontamentos em vista, podemos inferir que a economia neoliberal é uma economia subjetiva, que funciona através dos processos de subjetivação gerados, que diferem da ideia da economia clássica pautada nos ideais de produção e de trocas. Em finais do século XX, o “empreendedor de si mesmo” toma lugar nesse modelo, mudando a mobilização das subjetividades em prol de uma eficiência de gerenciamento empresarial e de governo social (LAZZARATO, 2015). Essa nova mobilização das subjetividades tem por objetivo formar o sujeito útil, aquele eficaz no trabalho e disposto ao consumo.

O resultado desse processo de reestruturação dos indivíduos e de seus desejos é a intensa mercantilização das relações sociais cujo fim é a produção de sujeitos reféns – e mantenedores – dessa norma; sendo o neoliberalismo a causa e o efeito do processo de captura vital dos inconscientes. “A grande inovação da tecnologia neoliberal é vincular diretamente a maneira como um homem ‘é governado’ à maneira como ele próprio ‘se governa’” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 332).

Pode-se afirmar então que a grande novidade do sistema neoliberal é o fato de que, pela primeira vez, o capitalismo penetrou em todos os aspectos da vida, havendo então uma universalização desse padrão, visto que as

³ O desejo de terceiros, isto é, dos grandes capitalistas, ou até mesmo nossos patrões.

relações – sejam elas no ambiente de trabalho, escolar, ou doméstico –, começam a ser mediadas nos moldes do capital. Em resumo, o capitalismo contemporâneo se realiza plenamente quando ele é capaz de se apropriar de todos os aspectos da vida e transformar tudo em valor em movimento, fazendo com que tudo na vida se torne produto do mercado (WOODS, 1996).

Por penetrar em todos os aspectos da vida, o debate acerca das consequências desse novo molde do capital – caracterizado pelo neoliberalismo globalitário – no cenário micropolítico, assim como a forma como esse adestramento se dá, se faz necessário, sobretudo no que diz respeito às subjetividades. Nesse sentido, o adestramento das mentes e corpos dentro da lógica da produção e do consumo é possível a partir do momento que entendemos que o indivíduo é constituído por paixões e desejos e que o campo psíquico funciona através de estímulos e recompensas.

De acordo com Deleuze e Guattari (2012), esses estímulos se dão por conta dos agenciamentos de poder.⁴ Tal ideia também é evidenciada por Dardot e Laval, ao assumirem que “a injunção publicitária ao gozo faz parte desse universo de objetos eletivos que, pela estetização-erotização da “coisa” e pela magia da marca, constituem-se em ‘objetos de desejo’ e promessas de gozo” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 374). Pode-se dizer que é justamente dentro dessas instituições que se dão os processos de subjetivação, os quais,

⁴ Esferas capazes de reafirmar a norma neoliberal vigente, como por exemplo, a propaganda, as instituições etc.

por sua vez, produzem desejos, modos de sentir e modos de viver que interessam ao próprio capitalismo.

Dessa maneira, esse novo modo de funcionamento neoliberal não se restringe apenas à relação de trabalho, mas também às formas de extração e produção de subjetividade com o auxílio de ferramentas que determinam consciente ou inconscientemente, as maneiras de existir nesse cenário globalitário. Dardot e Laval (2016) chamam atenção para o fato de que tanto a psicanálise como a sociologia buscam formas de entender essa modificação do caráter do indivíduo dentro do modelo neoliberal; visto que a partir do século XX surge uma narrativa onde o homem é transformado em uma máquina produtiva e consumidora, um ser de trabalho e gozo.

Como foi mencionado anteriormente, o avanço da concepção de indivíduos ‘empresários de si’ abriu espaço para que estes próprios indivíduos guiassem a racionalidade de suas ações a partir de uma lógica de investimento e retorno de capital; além de começarem a compreender seus afetos como objetos de trabalho em prol da construção de uma inteligência emocional, para que houvesse otimização de suas capacidades afetivas. Além desses fatores, o homem empresário de si abriu espaço principalmente para a racionalização empresarial do desejo (DARDOT; LAVAL apud (SAFATLE, SILVA JUNIOR, DUNKER). Isso tudo serviu para que houvesse uma nova relação entre governo e indivíduo, abrindo espaço para modos de governabilidade profundamente enraizados psiquicamente.

Partindo de apontamentos da psicanálise lacaniana, “Psychoanalysis And The Global”, de Ilan Kapoor, é outro texto que tenta demonstrar de que maneira elementos como o inconsciente, os desejos e os excessos têm influência direta no mundo do fluxo econômico, da circulação da cultura e da mudança sociopolítica. Isto é, ao fazer uso da psicanálise para destacar circuitos inconscientes de gozo e ansiedade, o autor demonstra de que maneira esses aspectos afligem objetivos e ganhos econômicos e culturais no âmbito da globalização.

Esse movimento se dá através do questionamento sobre de que forma funcionam os desejos e pulsões inconscientes em um mundo cada vez mais globalizado; sejam eles por meio da homogeneidade e contingências das interações globais, pela forma em que traumas e conflitos emocionais são parte integrante das divergências sociais, pelas maneiras as quais as paixões sociais se manifestam e se materializam na economia política, e até sobre de que forma o inconsciente serve de alavanca da globalização neoliberal.

Lacan (apud Kapoor, 2018) argumenta que o inconsciente é “estruturado como uma linguagem”, isto é, um campo que mantém uma lógica e uma gramática onde o desejo é porta voz. Dessa forma, a função da psicanálise é decodificar os sinais do desejo nos inconscientes; assim, ao interpretar os inconscientes como cadeias de significantes, Lacan se debruça sobre uma prática cultural podendo traduzir além de textos, políticas socioculturais – ou seja, entende-se que o desejo é fruto de práticas e instituições sociais como

por exemplo o capitalismo, formulações de políticas financeiras, e até representações midiáticas.

De acordo com a teoria lacaniana, é correto afirmar que existem três elementos que estruturam nossa vida psíquica: o Simbólico⁵, o Imaginário⁶, e o Real⁷. O elemento Real corresponde ao lado negativo do global, como por exemplo seus excessos, e é justamente a psicanálise que vai ajudar a elucidar essa negatividade; além disso, ao dar atenção às fragilidades presentes na ordem social, a psicanálise mostra que o mundo está rompido por um abismo, visto que o Real ameaça todas as tentativas de estabelecer uma ordem econômica global estável. Assim, o elemento Real está diretamente ligado ao gozo, que se refere não apenas ao prazer, mas ao prazer inconsciente e excessivo, tornando-o perigoso pois é capaz de oprimir o indivíduo ao ponto da irracionalidade.

Em outras palavras, se a globalização – e nesse caso, o neoliberalismo globalizado – se apresenta como uma narrativa fantasmática, capaz de trazer prosperidade, benefícios a todos, maior mobilidade e compreensão mútua; a psicanálise lacaniana mobilizada por Kapoor se apresenta como uma crítica ideológica da própria globalização, mostrando os elementos Reais – excesso, ansiedade, hostilidade – que essa fantasia esconde, porém, segundo Kapoor, essa crítica ideológica deve ser feita não exclusivamente no nível do

⁵ O mundo da linguagem, dos costumes, das leis.

⁶ Esfera da consciência que nos dá a ilusão de estabilidade e totalidade.

⁷ Ponto evasivo de erupção na ‘realidade’ que indubitavelmente fissa o Simbólico e o Imaginário, ou seja, elemento presente em toda ordem social que reflete sua incapacidade de se constituir plenamente.

intelecto, identificando seus pontos cegos e suas exclusões; mais importante que isso, deve se dar no nível dos afetos – levando em consideração a produção, manutenção e circulação do desejo inconsciente.

Kapoor afirma que esses desejos inconscientes geram problemas que são externalizados na economia política global – enfatizando que o inconsciente é parte fundamental da economia política –, sendo assim, o domínio do mercado nunca é exclusivamente econômico, ele sempre vai ao encontro do inconsciente. Em contrapartida, paixões e afetos são frequentemente vistos como imprevisíveis e incontrolláveis; por essa razão a análise de seu papel fundamental nas relações internacionais é subestimada – e por conta disso são banidos para a esfera privada e tidos como irrelevantes nas discussões acerca das esferas público e política.

Para Lacan (apud KAPOOR, 2015) as paixões representam um papel constitutivo na construção da realidade social (sendo a razão e as paixões elementos indissociáveis), e são dominadas pelo prazer e pelas pulsões. Dessa maneira, em “What Drives Capitalism Development”, Kapoor se propõe a analisar as paixões sociais inconscientes no sistema socioeconômico, isto é, sua importância como motor que garante o funcionamento e continuação do desenvolvimento capitalista⁸. Para isso o

⁸ É importante enfatizar que o autor difere desenvolvimento capitalista e desenvolvimento (ou crescimento) econômico. Segundo Ilan Kapoor, o termo desenvolvimento econômico é o mais utilizado ao se tratar de desenvolvimento internacional, porém para o autor isso é visto como uma mistificação ideológica pois tende a caracterizar a economia do ‘terceiro mundo’ como um ente independente e que precisa ser administrado – ao invés de inerentemente ligada ao sistema capitalista global, construtor tanto de riquezas como desigualdades.

autor parte da teoria lacaniana acerca das pulsões; onde esta é caracterizada como: “uma compulsão que decorre de nossa perda ontológica como seres linguísticos, para sugerir que o desenvolvimento capitalista é impulsionado por uma pulsão de acumulação” (KAPPOR, 2015, p. 67)

Ou seja, diferentemente do desejo – que o capitalismo manipula através do consumo, via prazer de compra – a pulsão⁹ envolve uma compulsão que se repete indefinidamente, que é manifestada como uma pulsão circular ao redor da acumulação. Para Lacan, existe uma diferença entre a finalidade da pulsão (seu caminho) e sua meta (seu destino final). A meta da pulsão seria o objeto de desejo ao redor do qual ela circula, porém, seu verdadeiro objetivo é a circulação contínua, ou seja, o intuito não é alcançar o objeto de desejo, e sim circundá-lo.

Assim como a pulsão, o desejo também provém de nossa perda ontológica como seres linguísticos, mas diferentemente desta, o desejo intenta à um objeto (que nunca é encontrado) para encobrir nossa falta; enquanto que a pulsão é caracterizada pela experiência da perda. Dessa

⁹ Lacan, acredita que a pulsão está relacionada à entrada do sujeito na ordem simbólica; para ele a saída do ser humano da natureza para a cultura ocasiona perdas traumáticas que nunca seremos capazes de superar. Isto é, nossa iniciação na linguagem traz consigo uma ausência, antagônica ao sentimento de plenitude que antes tínhamos, que nos persegue eternamente. Esse seria justamente o impulso da pulsão, uma busca constante em reencenar nossa perda. Essa ênfase da psicanálise na perda, na falta e na ausência como motores do desejo e da pulsão contrasta com as abordagens espinozistas e deleuzianas trazidas acima, que entendem o desejo como uma força vital que não tem objetos pré-definidos e sofre inflexões a partir de encontros, mas à qual nada falta. No entanto, ambas as literaturas, apesar de suas divergências, são consideradas úteis aqui, pois centralizam os desejos e afetos como dimensões cruciais do capitalismo.

forma, o prazer pelo objeto de desejo nunca é sanado, enquanto que a pulsão é sempre satisfeita, visto que o prazer se dá na circulação constante do objeto.

A partir dos argumentos de Lacan, Kapoor nos propõe a refletir sobre de que forma se dá a conexão entre pulsão, desejo e funcionamento do desenvolvimento capitalista. O capitalismo tem os indivíduos como consumidores, isto é, como seres sujeitos a desejos pelo consumo excessivo – desejos estes que o capitalismo promete satisfazer, além de fornecer uma gigantesca máquina de publicidade para estimulá-los, construindo dessa forma uma fantasia social ao redor das mercadorias. Já a pulsão é inerente ao capitalismo em um nível sistêmico visto que é ela que impulsiona a máquina capitalista ao engajar os indivíduos no movimento circular de auto-reprodução e acumulação.

Em resumo: a fantasia fruto da propaganda é passageira, o objeto prometido acaba não sendo de fato o objeto desejado. O capitalismo se utiliza dessa frustração para garantir a reprodução do sistema visto que é o descumprimento da promessa proveniente da fantasia social que permite que nos tornemos máquinas constantemente desejantes. A respeito da pulsão, esta se apresenta como fator fundamental na estrutura do capitalismo pois é ela que permite o fenômeno da acumulação que é o que permite o movimento compulsivo do capital que é a base de reprodução desse sistema. Como Marx afirmou tempos atrás, “acumulação é a lei do movimento do capitalismo” (Marx Apud KAPOOR, 2015)

Ou seja, é o desejo aquisitivo que mantém as propensões materialistas da cultura capitalista à medida em que nosso apego inconsciente e nosso gozo do capitalismo o mantêm em marcha, visto que o capitalismo explora nosso desejo com maestria através da oferta de novos produtos que, embora consumidos com alegria, não nos satisfazem, nos dando a impressão de que sempre tem algo faltando. Assim o desejo pelo consumo retoma, e através desse ciclo vicioso o capitalismo se mantém, visto que as pessoas são facilmente seduzidas por suas promessas e inseridas em seu ciclo vicioso infundável a ponto de não enxergarem uma realidade crível e alternativa senão a do desenvolvimento neoliberal.

Promessas, desejos e a relação empregatícia – a potência dos afetos alegres

O capitalismo tem um papel expoente quando o assunto é a mobilização de corpos e subjetividades. Se os indivíduos aceitam o alistamento que o capitalismo os impõe, além de suas demandas exorbitantes, eles o fazem não exclusivamente por conta da violência organizacional, mas porque esse circuito consegue gerar oportunidades de alegria. Mas vale a pena enfatizar que a primeira causa dessa mobilização é a satisfação do desejo básico de reprodução material que o dinheiro proporciona. Assim, apesar desse ciclo vicioso e de toda dor associada a ele, o momento do pagamento é o momento em que a alegria pelo trabalho se mostra presente. Com isso, entender a

variedade dos afetos provenientes do capitalismo e suas promessas é importante tanto para entender a lógica de seu funcionamento, quanto para entender a resistência a ele.

Dessa maneira, ao fazer uso dos argumentos de Marx e Espinoza, Frédéric Lordon (2014) busca em *Willing Slaves of Capital*, uma resposta ao porquê os indivíduos se submetem ao vínculo empregatício, isto é, porque as pessoas trabalham para outras pessoas. Dessa forma, ao unir o estruturalismo capitalista e a antropologia das paixões, o autor se debruça sobre a discussão acerca da importância dos afetos e das paixões no que diz respeito à exploração capitalista e, sobretudo, sua capacidade de capturar e remodelar desejos.

Segundo Espinoza (apud Lordon 2014), a resposta para o funcionamento da máquina capitalista se encontra nos afetos; fazer os explorados felizes para que dessa forma se esqueçam de sua exploração é uma das estratégias mais eficazes de dominação. Isto é, é através do circuito dos afetos que a minoria capitalista consegue mobilizar uma maioria trabalhadora, seguindo uma lógica onde o indivíduo se presta a trabalhar para não morrer de fome e, em seguida, seu intenso trabalho é recompensado pelo prazer obtido por meio do consumo. Assim, Lordon expõe a relação peculiar, e bastante irônica, em relação à essência da liberdade – que segundo o autor foi proclamada a partir da ideia de que alguns indivíduos são livres para usarem outros como meios para um fim, enquanto outros são livres para se permitirem ser usados; sendo a bifurcação dessas duas liberdades o emprego.

Além disso, atualmente é comum que a definição de consentimento deturpe as ideias de alienação e exploração empregatícia por conta de uma nova tendência gerencial motivacional que, além de prometer a realização no trabalho, promete a autorrealização como produto deste, gerando dessa forma a “servidão voluntária”, que Lordon rebatiza como ‘servidão apaixonada’. Os indivíduos se imaginam sujeitos livres e autônomos, completamente responsáveis por suas vontades e por seus desejos, propagando a ideia de que, se estamos em uma determinada condição, é por que decidimos que assim fosse; nossa servidão seria, portanto, voluntária. Porém, fica claro que a possibilidade de obtenção do objeto de desejo, dinheiro, é a principal razão para o alistamento dos indivíduos; segundo Lordon, ele é a razão não reconhecida de todos os contratos e o motivo das ameaças inerentes a esse contexto tanto para os empregados quanto para os empregadores.

Portanto, se a essência da dominação consiste em pôr um indivíduo em movimento em prol do objeto de desejo de terceiros ¹⁰– que não era originalmente seu, é correto afirmar que toda relação de emprego é uma relação de dominação; sendo a intensidade da dominação proporcional à intensidade do desejo do dominador ao qual o dominado é subordinado. Por essa razão, o autor afirma que nenhum desejo é mais imperativo do que o desejo pelo dinheiro, e que nenhuma dominação é tão poderosa quanto o vínculo empregatício. Além disso, argumenta que a relação de trabalho é

¹⁰ Que perpassa o desejo da simples reprodução material; podendo ser desde reconhecimento profissional, até principalmente, o enriquecimento.

responsável por plantar desejos que não tem a ver com a livre escolha, visto que,

(...) são as estruturas sociais, no caso do emprego, das relações capitalistas de produção, que configuram os desejos e predeterminam as estratégias para alcançá-los (...) pois se apanha um desejo nos encontros com as coisas, nas memórias das coisas e em todas as associações que se desdobram desses eventos que Espinoza chama de afetos (LORDON, 2014, p.15, tradução nossa)

Dessa forma, Lordon refuta a ideia de servidão voluntária.

Os desejos são então determinados pelos afetos; Espinoza (apud LORDON) afirma que a impossibilidade de nos desvencilharmos desses afetos pode ser entendida como servidão – confirmando o fato de que não existe servidão voluntária e sim servidão apaixonada. Assim, é correto afirmar que duas das principais razões do sucesso do capitalismo são: 1) o desejo pelo dinheiro, visto que em uma sociedade capitalista a reprodução só é possível quando estruturada por ele; dessa maneira, a estratégia mais eficaz de mobilização é o dinheiro, que por sua vez serve de alavancagem para nossos desejos próprios; visto que, segundo Espinoza, se somos seres desejantes espera-se que nossas ações sejam interessadas – isto é, baseadas em cálculos utilitários¹¹; e 2) o engajamento proveniente da servidão apaixonada através da instauração de fontes simples de alegria como, por exemplo, a possibilidade de consumo que, por sua vez, introduz os indivíduos num estado de alienação, a qual estamos todos sujeitados, dado que nossos

¹¹ Incapaz de suprir suas necessidades de forma independente, o indivíduo com força de trabalho e necessitado de participar da divisão do trabalho torna o acesso ao dinheiro imperativo, tornando-o objeto principal de desejo, sendo a chave para a realização de todos os outros, pois como diz Espinoza (apud LORDON, p.16) “dificilmente podem imaginar qualquer espécie de alegria sem a ideia de acompanhamento de dinheiro como sua causa”.

desejos são constituídos por contatos com coisas “externas” a nós, que atua na manutenção da relação de dependência do emprego.

Segundo Lordon, a abundância de coisas para comprar promove ao desejo uma multiplicação infinita de pontos para a aplicação; em outras palavras, por estar frequentemente na posição de objeto de desejo, a mercadoria aumenta a dependência do emprego além de associar afetos alegres à aquisição monetária – afirmando o argumento de Espinoza de que dificilmente há a ideia de alegria sem estar acompanhada do dinheiro como sua razão. Pode-se dizer, então, que o capitalismo “gera suas próprias condições de perseverança” (LORDON, 2014, p. 28) Dessa maneira, todos os degraus do sistema de desejo do mercado (marketing, mídia, publicidade, etc) trabalham para fortalecer a submissão dos indivíduos às relações do capitalismo, visto que o vínculo empregatício se apresenta não somente como a resposta do problema da reprodução material, mas como atrativo pois a gama de objetos oferecidos por ele cresce indefinidamente.¹²

Segundo Marx (apud LORDON, 2014), o primeiro regime de mobilização foi a fome, seguido pelo regime fordista – que contou com uma alegre alienação das mercadorias e com um amplo acesso ao consumo. Porém segundo o autor, nota-se que esse regime está sofrendo mutações que são traduzidos em novos métodos gerenciais de alistamento e novas

¹² Essa alienação ocupa um lugar tão grande no que concerne aos afetos do sujeito, que arrisca a aparição de afetos triste relacionadas a ela como por exemplo o endividamento – onde o desejo pela compra excede a possibilidade oferecida pela renda abrindo-se assim portas para a obtenção de crédito, que por sua vez aumenta a dependência do emprego pela necessidade do reembolso (LORDON, 2020, p.29)

sensibilidades afetivas caracterizadas pela paixão do emprego enriquecida durante esse processo, que acaba por anular antigas críticas anticapitalistas e gerando novas oportunidades de se perder na fantasiosa servidão voluntária, ou apaixonada, como prefere Lordon.

O alinhamento total no emprego exigido pelo neoliberalismo contemporâneo pode ser explicado através da produção de afetos alegres. Durante a configuração fordista do capitalismo, os afetos tristes¹³ relacionados à reprodução material eram complementados com os afetos alegres provenientes da possibilidade de consumo – dessa forma, o completo alinhamento ao trabalho se dava por conta do aumento do desejo de evitar a miséria e pelo desejo de acúmulo de bens materiais. Resumindo, o impulso da fome era intrínseco ao emprego, porém gerava afetos tristes; a alegria consumista é inegavelmente um afeto alegre, porém é extrínseco ao mesmo.

A episteme neoliberal age de forma diferente, ela se compromete em produzir afetos alegres intrínsecos ao emprego, isto é, afetos que não são proporcionados de forma externa ao trabalho assalariado, como o consumo por exemplo; diferente disso, promete afetos alegres inerentes ao próprio ato de trabalhar.

Portanto, é a própria atividade que deve ser reconstruída, tanto objetivamente quanto na imaginação, como uma fonte de alegria imediata. O desejo de encontrar emprego não deve mais ser apenas um desejo mediado pelos bens que o salário indiretamente permite comprar, mas um desejo intrínseco pela atividade em seu próprio benefício. A epiumogênese neoliberal, portanto, assume a tarefa específica de produzir em grande escala desejos que não existiam

¹³ Como longas jornadas de trabalho, locais de trabalho insalubres, falta de direitos trabalhistas, miséria, etc.

anteriormente, ou que existiam apenas em uma minoria de enclaves capitalistas: desejos de trabalho feliz ou, para emprestar diretamente de seu próprio vocabulário, desejos de "realização 'e' autorrealização 'no trabalho' e por meio dele. (LORDON, 2008, p. 44, tradução nossa)

Porém os afetos alegres inerentes ao próprio emprego não são o único fator que explica o consentimento ao emprego. É inegável o fato de que a sociedade realiza um enorme papel na formação de desejo sobre o indivíduo, produzindo normas, objetos de desejos, vocações, metas a cumprir. Podemos afirmar então, que direcionamos nosso conatus a partir de objetos proporcionados pelo social e por outras ondas conativas.

O autor segue ao dizer que a questão central de seu argumento é o fato de que esses estímulos externos, que se tornam objetos de desejos pessoais e aparentemente “autênticos”, estabelecem compromissos alegres quando lhes é dada a oportunidade de satisfação através do ramo de trabalho que lhes correspondem. Isso quer dizer que agora nos ‘realizamos’ como indivíduo quando alcançamos nossos desejos, fazendo com que essa possibilidade de realização nos coloque em movimento em prol do trabalho por “livre e espontânea vontade”, e mais do que isso, nos dispomos alegremente.

A forma reflexiva trai a ilusão subjetivista de que, ao assimilar completamente o sujeito ao seu desejo – visto que ‘realizar-se’ e ‘realizar o desejo’ são a mesma coisa – quer alimentar a impressão de que essa coincidência perfeita depende do sujeito ser a origem exclusiva de seu desejo. Tendo incorrido neste desejo, evidentemente adaptado para a organização, mas agora feito o seu próprio – os indivíduos “consentem” e põem-se em movimento com alegria, por conta própria. (LORDON, 2014, p. 58, tradução nossa)

A sujeição se baseia em fazer com que os funcionários se mantenham presos a um domínio restrito de prazer, impedindo assim que questionem a divisão do trabalho, incluindo a distribuição de tarefas, a remuneração, as

posições na empresa, etc. Pode-se afirmar que esta dominação “suave”, na qual os próprios dominados consentem, é uma dominação por afetos alegres.

Com isso, não podemos negar a influência dos afetos alegres nesse contexto; que por serem afetos tão intensos, impedem que modifiquemos a estrutura geral que se move em função da produção de desejos “autênticos”. A partir disso, o autor nos propõe a questionar o porquê problematizar a ideia de dominação, se os que estão sendo dominados sorriem ingenuamente com o emprego imposto e se os próprios afetos do indivíduo refutam a ideia de que sejam vítimas de uma violência externa.

Se Lordon nos mostra que, na configuração neoliberal do capitalismo, as promessas de afetos alegres se expandem para além do consumo em direção ao trabalho, Hebert Marcuse nos mostra que a proliferação de instâncias de prazer no capitalismo pode levar à depressão da consciência. Assim, Marcuse (apud BROWN), denomina “dessublimação repressiva” o fenômeno fruto da dominação capitalista; onde a interiorização de desejos, que o autor chama de ‘falsas necessidades’, são introduzidos em toda uma cultura de forma não repressiva, e sim prazerosa.

As energias instintivas, em vez de serem diretamente opostas pelos mandatos da sociedade e da economia, exigindo pesada repressão e sublimação, são agora cooptadas por, e para a produção e marketing capitalista. (...) O prazer, em vez de ser um desafio insurrecional ao trabalho enfadonho e à exploração do trabalho, torna-se a ferramenta do capital e gera submissão. (...) o prazer torna-se parte da máquina. (BROWN, 2018, p. 72, tradução nossa)

De acordo com o sociólogo, essa sublimação não libertadora facilita o que Hegel chama de “consciência feliz” – pois resolve o conflito entre o

desejo e os requisitos sociais, fazendo com que a consciência seja alinhada ao regime. Porém, baseado nos trabalhos de Freud e Marx, Marcuse vai além e discorre acerca da “consciência infeliz”. Para o autor a consciência infeliz é resultado de um dos elementos de nosso inconsciente – o superego; que condena os impulsos “maus” tanto na sociedade quanto no próprio eu. Nesse sentido, segundo Marcuse, a consciência infeliz é uma fonte de julgamento moral sobre a sociedade. (Marcuse apud BROWN, p. 2018, p. 72)

Como a dessublimação repressiva oferece um alívio a essa censura rigorosa e dá origem à “consciência feliz” (um eu menos dividido porque é um ser menos conscientemente reprimido), a consciência é a primeira vítima. (...) Nas palavras de Marcuse, "A perda de consciência devido às liberdades satisfatórias concedidas por uma sociedade não-livre contribui para uma consciência feliz que facilita a aceitação dos crimes desta sociedade. [Esta perda de consciência] é o símbolo do declínio da autonomia e da compreensão. (Marcuse apud BROWN, p. 2018, p. 72, tradução nossa)

Em outras palavras, Marcuse sugere que essa dessublimação caracteriza o declínio da autonomia e da compreensão intelectual dos sujeitos à medida em que os indivíduos se encontram imersos em prazeres e estímulos mercantis capitalistas; e assim, por estarem cada vez mais cercados por esse prazer se encontram mais afastados da consciência. A dessublimação repressiva é parte constituinte da sociedade capitalista, se apresentando ao mesmo tempo como elemento libertador e opressivo.

A partir disso, podemos notar que relações socioeconômicas, como a relação empregatícia, são também formas de governo e de gestão social de subjetividades – por isso não podem ser entendidos sem a gestão de uma psicologia que lhe diz respeito; é correto afirmar então que não se sofre da mesma maneira dentro e fora do regime neoliberal.

A gestão neoliberal de sofrimentos e mal-estares

Um dos pontos principais a serem levados em consideração no trabalho de Lordon acerca do vínculo empregatício é o fato de que o trabalho não se dá por livre e espontânea vontade; diferente disso, é resultado de uma configuração particular das estruturas sociais, onde a relação empregatícia é proveniente da dupla separação dos trabalhadores dos meios de produção e de seus produtos; formando dessa maneira um ciclo vicioso onde os trabalhadores nunca têm a oportunidade de vencer essa hierarquia, estando sempre sujeitos à posição de explorados.

Dessa forma, a dependência do trabalho é sua condição de possibilidade pois, como apontou Marx e Polanyi, em um cenário de fechamento de bens comuns, a única saída para sobrevivência e reprodução dos indivíduos é a venda de sua força de trabalho. Por outro lado, pode-se dizer que a dependência do provedor do dinheiro é uma estratégia de reprodução do capital— incapaz de suprir suas necessidades de forma independente, o acesso ao dinheiro se torna imperativo e o principal objeto de desejo do indivíduo que vende sua força de trabalho, sendo a chave para a realização de todos os outros.

Isto é, por necessitar do dinheiro para sobreviver, as pessoas se sujeitam a trabalhos pouco regulamentados e precários, pagamentos que não condizem com o trabalho realizado para poderem sobreviver; ou sustentados pela promessa de um dia sair dessa realidade. Enquanto que o provedor fatura em cima desse sofrimento e dessa ilusão. Em outras palavras, por ser o provedor dentro do sistema capitalista, o empregador detém o desejo básico dos indivíduos – a sobrevivência, que está acima de qualquer outro objeto de desejo que os sujeitos possam vir a ter, além de ser a condição de possibilidade para todos os outros. Esta é uma via de mão dupla visto que o empregador também necessita da mão de obra dos empregados para obter o seu próprio objeto de desejo; porém, é importante enfatizar que essa relação é assimétrica, portanto, o caracteriza-se como uma dominação (Lordon, 2014).

É assimétrica porque só quem detém os meios no sistema capitalista pode se dedicar a uma carreira que combine sua reprodução material com a liberdade de fazer o que quiser, enquanto que os empregados estão fadados à sua mera reprodução, ao seu desejo básico que é o motor para os demais desejos – e que só é possível através do alistamento ao emprego. Além disso estão fadados ao eterno ciclo do mercado, visto que a reprodução da força de trabalho só é possível através do consumo (Lordon 2014).

É de se esperar que a empresa se contente com as estruturas fundamentais do emprego, como por exemplo a dependência monetária dos empregados para com a empresa; porém diferente disso, a empresa neoliberal busca o

alinhamento total dos indivíduos. Além disso, acredita-se que os empregados são materiais completamente maleáveis, sendo possível remodelá-los a qualquer modelo que se adeque aos seus requisitos, mostrando assim um caráter instrumentalizador da relação de trabalho, onde os indivíduos são reduzidos a meros utensílios (Lordon 2014).

Ao vincular toda a vida e o ser dos empregados em função do trabalho – fazer com que suas ambições, atitudes e desejos sirvam ao seu fim – a empresa neoliberal remodela a singularidade dos indivíduos fazendo com que todas suas ações tendam espontaneamente em direção a ela. Por isso Lordon (2014) argumenta que esta é uma tentativa totalitária de exercer controle de uma maneira tão profunda que passa a exigir a rendição completa. E por desejar não exclusivamente o ganho monetário, como também a conquista de um modo de vida desejado, o sujeito aceita sua rendição, e a partir disso a vida profissional passa a ser sinônimo de vida como tal.

Seguindo a lógica dos afetos e das condições externas, o medo e a esperança são motores do desejo pois são estas condições que determinam o equilíbrio entre ambos em cada situação específica, apontando a tonalidade afetiva predominante que acompanhará seus esforços. A intensa busca pelo objeto de desejo principal – o dinheiro – e a crescente dificuldade de consegui-lo, geram uma tensão caracterizada pelo triste afeto do medo.

É importante enfatizar que esse alinhamento excessivo por parte dos sujeitos é proveniente justamente da radicalização da governança dos padrões

por meio do medo. A frequente ameaça de rebaixamento, demissão, a dependência monetária e o medo de perder os elementos necessários à reprodução aumentam o afeto a níveis nunca antes visto; permitindo que os padrões retirem dos funcionários através do medo a sujeição e a mobilização produtiva definida anteriormente como servidão voluntária.

Vale ressaltar que essas ameaças também são fruto da baixa regulamentação trabalhista característica do nosso século.

O novo "fato" da transformação neoliberal e seu programa específico de ajustes passam a significar uma violação da norma: as demissões não são mais o tabu que costumavam ser - uma crença que provou ser arriscada. A brutalidade da chantagem pela ameaça à reprodução material quebra a velha norma - na medida em que poderia ser considerada moral - e, tornada prática regular, passa a ser a nova norma. Mas é uma norma prática e amoral, que expressa nada mais do que o desequilíbrio evidente de uma situação em que alguns têm todas as cartas e outros nenhuma. O poder do capital de atrair os poderes de ação dos empregados para sua própria empresa, mas por meio dos tristes afetos do medo, representa a liberação de um desejo-mestre que não se sente mais contido por nada e está pronto para se aproveitar de toda oportunidade de impor sua vontade unilateralmente. Esse tipo de tirania, vale a pena repetir, tem suas condições de possibilidade no novo estado das estruturas econômicas do capitalismo desregulamentado. (LORDON, 2014, p.36, tradução nossa)

Atualmente, não há mais nada que limite a imposição unilateral do capital, nem mesmo os códigos e condutas morais; essa assimetria leva ao abuso, visto que; “se as estruturas que organizam essa relação hierárquica deslocam o equilíbrio do poder a ponto de não mais exercer qualquer restrição sobre as ações do poder dominante, autorizando todas as suas autorreferências unilaterais, a dominação se transforma em tirania” (LORDON, 2014, p.38, tradução nossa).

O cenário instável e o enfraquecimento das restrições tornam a ameaça à reprodução material algo constante na vida dos indivíduos, fazendo com que

sua existência seja incerta; onde, se vendo obrigada a se submeter aos desejos e mandamentos do patrão tirânico, a classe trabalhadora é introduzida a um mundo de terror.

Com isso, Silva Júnior et al (2020) abordam o neoliberalismo como – além de sua forma mais conhecida, um modelo socioeconômico – um *gestor* de sofrimento psíquico, nas duas acepções da palavra, gerar e gerir. Em síntese, os autores afirmam que existe uma relação intrínseca entre os experimentos de engenharia social do neoliberalismo e a reconstrução das estruturas categoriais clínicas.

Nesse sentido, a noção de ‘gestor’ do sofrimento psíquico ganha importância em dois sentidos, a saber, como aquele que gera e aquele que gerencia. Pois o sofrimento psíquico é não apenas produzido, mas também gerido pelo neoliberalismo. Por isso cabe compreender o neoliberalismo como uma forma de vida nos campos do trabalho, da linguagem e do desejo. (SILVA JÚNIOR et al., 2020, p. 10)

Liberais clássicos costumavam acreditar que o sofrimento era um fator que atrapalhava a produção e criava obstáculos para o desenvolvimento capitalista e para a possibilidade da felicidade; porém, a nova configuração do capitalismo e do liberalismo, o capitalismo neoliberal, descobriu que é possível extrair mais produção e mais gozo do próprio sofrimento. Dessa forma o neoliberalismo iniciou uma busca constante para encontrar meios que proporcionem o melhor aproveitamento do sofrimento.

É correto afirmar, então, que o regime neoliberal é capaz de recodificar identidades, valores e modos de vida através dos quais os indivíduos modificam a si próprios, e não apenas o que eles representam para si. Dessa forma, fica entendido que determinar qual sofrimento é legítimo ou

não é uma função não apenas clínica como também política; onde, “controlar a gramática do sofrimento é um dos eixos fundamentais do poder” (SILVA JÚNIOR et al., 2020, p. 13)

Atualmente, é cada vez mais nítido que lutas políticas possuem seu cerne não em questões exclusivamente políticas – como por exemplo justiça e exploração – e sim em fatores emocionais como medo, esperança e frustração.

Diante disso, é possível dizer que cada época prescreve a maneira como devemos exprimir ou esconder, narrar ou silenciar, reconhecer ou criticar modalidade específicas de sofrimento. Isso explica a emergência e o declínio sazonal de determinados quadros clínicos em detrimento de outros. Isso se tornou assombrosamente explícito quando, no contexto do neoliberalismo, encontramos manuais e estratégias para literalmente confeccionar novas doenças, para as quais se dispõe de novas medicações. (SILVA JÚNIOR et al., 2020, 2020, p. 12, tradução nossa)

As relações de trabalho ganharam um caráter “psicológico” para serem melhor geridas e as próprias técnicas clínicas começaram a obedecer parâmetros de avaliação de gerenciamento de conflitos, que antes eram observados apenas no cenário administrativo das empresas. Em outras palavras, pode-se dizer que fatores como:

(...) inteligência emocional e otimização de performance, que tinham sido criadas nas salas de recursos humanos das grandes empresas, agora faziam parte dos divãs e consultórios. (...) Estávamos transformando tal forma de organização social em fundamento para uma nova definição de normalidade psicológica. Nesse sentido, tudo que fosse contraditório em relação a tal ordem só poderia ser a expressão de alguma forma de patologia. Patologizar a crítica era simplesmente mais um passo. (SILVA JUNIOR et al., 2020, p. 32)

A criação deste discurso, pautado na dualidade entre economia e psicologia, como forma de gestão social, ocasionou um remodelamento da gramática do sofrimento psíquico; visto que para realmente serem

internalizadas, essas normas de conduta deveriam ir além de ideais normativos e alcançarem novas formas de entender e categorizar processos de sofrimento.

Afirma-se então que problemas mentais impactam não somente na expectativa de vida dos indivíduos, como também reduzem ou até mesmo afastam esses indivíduos de suas capacidades produtivas. Tal mudança de paradigma não pode ser compreendido por outra razão que não o desenvolvimento do neoliberalismo.

Pode-se dizer que a origem da psiquiatria é intrínseca às tentativas de controle dos conflitos psíquicos e sociais. Foucault já dizia em “A História da Loucura” que a psiquiatria surge como um dispositivo teórico e prático criado para resolver tais conflitos que surgem a partir da nova ordem de trabalho e produção capitalista. Além disso, ao analisar as redes de financiamento e interesse que ligam os setores de mercado, sobretudo a indústria farmacêutica, às instituições psiquiátricas, notamos que a relação entre a episteme neoliberal e a psiquiatria não é somente uma patogênese sobre as pessoas – que demandaria tratamento psiquiátricos que se adequem ao seu tempo de vida. Nesse sentido, nota-se que a psiquiatria assume o papel de produzir patologias em prol do consumo de psicofármacos.

Não é novidade o fato de que indústrias farmacêuticas patrocinam campanhas com o objetivo de sensibilizar a população em relação a determinados transtornos psiquiátricos, o que envia médicos e pacientes a compreenderem o sofrimento psíquico dentro do espectro do transtorno e alinharem seu tratamento com os interesses da indústria. (SILVA JÚNIOR et al., 2020, p. 130)

A partir do momento em que o neoliberalismo consegue mudar nossa relação com o sofrimento psíquico, ele produz performaticamente novos sujeitos; e é por essa razão que a psiquiatria atualmente é entendida a partir dessa nova produção de subjetividades na qual os indivíduos tomam a si próprios como empresas a serem geridas.

Claro está que a psiquiatria a um só tempo atuou como beneficiária dos sofrimentos gerados pela reorganização neoliberal da sociedade e também os produziu, inaugurando uma nova etapa em sua relação secular com a doença mental: não apenas descrever, compreender e tratar os sofrimentos psíquicos, como também produzi-los para então tratá-los. (SILVA JÚNIOR et al., 2020, p. 131)

A psiquiatria se estrutura a partir dos sofrimentos e seus tratamentos; porém a medida em que vem se relacionando com o neoliberalismo, conseqüentemente vem se emancipando de sua definição baseada na relação com o sofrimento. Essa reestruturação da psiquiatria, sobretudo no que diz respeito à produção de subjetividades na episteme neoliberal e seus imperativos de autossuperação, são facilitados não apenas pelas tecnologias simbólicas desenvolvidas pelo marketing, como também pelas novas tecnologias de enhancement ¹⁴, onde os critérios de mercado passam a definir seus objetivos.

Conclusão:

¹⁴ “O enhancement seria a maximização de potencialidades das funções humanas para uma melhor satisfação de demanda sociais, sejam elas de cunho estético, laboral ou esportivo. Assim, o esforço curativo da medicina tende a ser superado por um novo paradigma: a performance.” (SILVA JÚNIOR et al., 2020, p. 132)

Fica entendido desta forma que o capitalismo se utiliza de uma série de mecanismos psíquicos que explicam sua perpetuação, tais como a incitação de desejos via objetos de consumo; os afetos tristes gerados pelo medo de não alcançar a reprodução material; os afetos alegres gerados pela promessa de satisfação via trabalho; e os processos de individuação que produzem sujeitos “empresários de si”.

Porém, é evidente que, mesmo com a produção de afetos alegres, o modo de funcionamento da empresa capitalista tem como motor fundamental o afeto triste do medo: medo de não conseguir a reprodução material. Até os que estão imersos no compromisso mais alegre estão alinhados ao circuito do desejo mestre e têm seus esforços capturados; isto é, estão sendo explorados.

Até o dado momento, os empreendimentos capitalistas tiveram vantagem em todas as estruturas da relação de emprego e da economia monetária, tudo isso com a divisão de trabalho a seu favor. E a forma como os indivíduos entram nessa divisão de trabalho é bem simples: por medo da impossibilidade da reprodução material, os sujeitos aceitam se juntar a esses empreendimentos “espontaneamente”.

No entanto, partindo do pressuposto de que somos seres apaixonados e afetivos, o fim das relações sociais do capitalismo não significaria o fim de nossa servidão apaixonada – ela por si só não nos livra da violência ocasionada pelos desejos e pelos esforços de poder.

Nesse sentido, é correto afirmar que a vida humana se reproduz a partir das interações sociais, isto é, a partir do efeito que as pessoas exercem umas às outras – porém sempre através da mediação das instituições. O ponto

disruptivo é entender de que formas essas instituições podem ser vistas como elementos afetivos coletivos, entender como dispositivos sociais dotados de poder são capazes de afetar multidões para fazê-las viver exatamente de acordo com determinadas relações; e essa dúvida encontra sua explicação nas paixões direcionadas às relações de emprego e consumo no neoliberalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BROWN, Wendy. **Neoliberalism's Frankenstein**: authoritarian freedom in twenty-first century “democracies”. Berkeley: Duke University Press, 2018.

BROWN, Wendy. **Power after Foucault**. Oxford: The Oxford Handbook Of Political Theory, 2008.

BROWN, Wendy. **Undoing the demos**: neoliberalism's stealth revolution. New York: Zone Books, 2015.

COCCO, Giuseppe; CAVA, Bruno. **Enigma do disforme**: neoliberalismo e biopoder no Brasil global. Rio de Janeiro: Mauad, 2018.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaios sobre a sociedade neoliberal, 1º edição, São Paulo, Boitempo, 2016.

DELEUZE; GUATTARI. **Os mil platôs vol. 5**, 2º edição, editora 34, 2012.

KAPOOR, Ilan. **Psychoanalysis and the Global**. Nebraska: UNP, 2018.

KAPOOR, Ilan. **What "Drives" Capitalism Development?** Toronto: York University, 2015.

LAZZARATO, M. **O homem endividado e o Deus capital**: uma dependência do nascimento à morte, IHU, 2015.

LORDON, Frédéric. **Willing Slaves of Capital**: Spinoza and Marx on desire. London / New York: Verso, 2014.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: Notas para uma vida não cafetinada. Brasil, n-1 edições, 2019.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir *et al.* **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Cap. 1. p. 17-46.

SAFATLE, Vladimir *et al.* O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In: SAFATLE, Vladimir *et al.* **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Cap. 2. p. 47-75.

SILVA JÚNIOR, Nelson da *et al.* A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si. In: SAFATLE, Vladimir *et al.* **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Cap 4. p. 125-176.

SILVA JÚNIOR, Nelson da *et al.* Matrizes psicológicas da episteme neoliberal: a análise do conceito de liberdade. In: SAFATLE, Vladimir *et al.* **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Cap. 3. p. 77-122.

WOODS, Ellen Meiksins. **Modernidade, Pós-Modernidade ou Capitalismo**, 1996.